

cidade	jornal	data veiculação
S. Paulo	O Estado de São Paulo	19 Dez. 87
assunto		
10 - manchetes de jornais		

SÁBADO — 19 DE DEZEMBRO DE 1987

Econ



Mário Amato



José Mindlin



Negociar a dívida pode ficar difícil, dizem empresários

Os empresários demonstram preocupação, principalmente, com os reflexos na negociação da dívida externa que poderá ter a demissão do ministro Bresser Pereira. Destacaram também as dificuldades para enfrentar o problema do déficit público e a desestatização.

Roberto Della Manna, diretor do Departamento Sindical da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp): "É lamentável que num tempo tão curto o Brasil tenha mudado tantos ministros da Fazenda. A negociação da dívida externa deverá ficar prejudicada, com grande prejuízo para o Brasil, que depende de recursos externos para novos investimentos e para elevar o nível de emprego."

Carlos Eduardo Moreira Ferreira, 1º vice-presidente da Fiesp: "Acho que é motivo de grande tristeza. O presidente Sarney vai ter dificuldade para substituí-los, pois Bresser reúne muitas qualidades. Acredito que o próximo ministro, se não conseguir apoio político, também não vai conseguir reduzir o déficit público."

Mário Amato, presidente da Fiesp: "É uma pena que as coisas tenham se encaminhado dessa forma. Bresser é um homem de bem. Mas nós só apoiamos o homem. Suas idéias, porém, são discutíveis. O pacote fiscal deixou de ser confiável. Sua saída não deve influir na inflação, porque ela está segura pelas regras do mercado".

José Mindlin, presidente da Metal Leve: "Não havia outra alternativa. Sua saída era uma questão de dignidade. O problema maior é a negociação da dívida externa que atravessa um momento delicado".

Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, vice-presidente da Fiesp: "A notícia é ruim para o Brasil. Apesar de todas as dificuldades, ele está tentando administrar as finanças do País. O problema maior é a negociação da dívida externa".

Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio no Estado de São Paulo: "Foi uma clara demonstração de que o País não tem uma política de longo prazo, voltada para o crescimento da produção e da iniciativa privada. Estamos numa época onde a política é o setor privilegiado".

Romeu Trussardi, presidente da Associação Comercial de São Paulo: "Desde a posse do Bresser eu comentava sobre o risco de não levar avante o corte dos gastos públicos sem o apoio político. Esses continuos sobressaltos são muito negativos, afugentam investimentos, diminuem as vendas e trazem reflexos ao mercado de trabalho".

Romeu Chap Chap, empresário: "Não foi ele quem pendurou as chuteiras, penduraram para ele. É mais um ministro da Fazenda que muda e dá chance ao presidente de mais seis meses para exercer sua performance. Chegou a pensar que o avanço da estatização é quase inatingível. **Teófilo de Andrade Orth**, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base: "Não tenho mais idéia sobre os caminhos de nossa economia, só sei que o pacote estava no caminho certo, ou seja, o corte do déficit público".

Alex Periscinoto, vice-presidente da Alcântara Machado Periscinoto Comunicações: "O ministro está certo. Se não dá para trabalhar, não dá. É uma atitude rara que merece respeito. A situação está como os políticos gostam e não como o povo precisa".

Roberto Capuano, presidente do Conselho Regional de Corretores de

Imóveis (Creci): "Agora é possível prever que algumas posições que ameaçam todo o empresariado sejam revistas, como a taxaço do patrimônio imobiliário".

Celso Laffer, professor da Faculdade de Direito da USP e diretor da Metal Leve: "É inegável que o ministro Bresser é uma pessoa séria, respeitável. Quanto ao futuro, tudo dependerá da escolha do novo ministro e do apoio político que ele virá a ter".

Carlos Lambertini, presidente do Sindicato do Comércio Varejista da Baixada Santista: "O cargo é ingrato e dentro do atual quadro político transformou-se num verdadeiro sacrifício".

Silvio Luiz Ferrette, diretor do Sindicato da Administração Portuária de Santos: "Pior que Bresser impossível".

Hiram Reis Correa, presidente da Associação Comercial de Minas: "O



Della Manna: muitas mudanças

lobby do grupo tecnoburocrata é que derrubou o ministro Bresser Pereira".

Agostinho Tofoli Tavoraro, presidente da Associação dos Executivos das Empresas da região de Campinas: "A substituição pura e simples do ministro Bresser Pereira não altera nada. É necessário que o governo defina o que quer da economia".

Luís Antônio Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo: "O ministro Bresser Pereira já deveria ter saído antes. Todas as medidas que tentou colocar em prática não deram certo e sua credibilidade era nula".

Mauri Sérgio Martins de Souza, diretor da Federação dos Bancários dos Estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: "O ministro Bresser não nos deixará saudades. Ele representou o período de maior arrocho salarial e carga fiscal que os trabalhadores já tiveram".

Antônio Pereira Magaldi, presidente da União Sindical Independente (USI): "Ele saiu no momento certo, pois durante o tempo que ficou no Ministério da Fazenda não acertou nada".

Antônio Rogério Magri, presidente do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo: "O Bresser teve uma posição de dignidade, ele pertence a esse grupo histórico do PMDB, que contraria a política do Sarney".

Gilmar Carneiro, diretor da CUT: "A saída de Bresser Pereira é somente mais um passo para o caos".

Ulysses e autonomia para subs

AGÊNCIA ESTADO E SERVIÇO LOCAL

O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, afirmou, ontem, que o PMDB dará "ampla liberdade e autonomia" ao presidente Sarney para a escolha do substituto de Bresser Pereira no Ministério da Fazenda. "Quero repetir o que está na Constituição e que é a posição do partido: a responsabilidade fundamental pela escolha de ministros é do presidente da República".

Em entrevista coletiva à imprensa, na porta da sua residência oficial, Ulysses Guimarães lamentou a saída de Bresser Pereira da equipe do governo, dizendo que ele divergiu do presidente Sarney "por questão de princípio", sustentando o ponto de vista do programa do partido, favorável à taxaço dos rendimentos de capital, por entender que deve haver distribuição melhor dos sacrifícios, disse ele. "Isso está escrito no programa do PMDB e na vasta literatura escrita por Bresser Pereira."

Ulysses Guimarães declarou, ainda, que foi informado pelo telefone, pelo próprio presidente Sarney, do pedido de demissão de Bresser, que também ligou em seguida para confirmar a saída.

"Eles tiveram um entendimento muito cordial. Bresser disse que não sai com mágoas, ou seja, não saiu batendo as portas. Os dois continuam amigos."

O presidente da Constituinte lembrou que Bresser Pereira é um militante ativo do PMDB e que ele teve a solidariedade do partido em todas as medidas que tomou durante a sua gestão.

Carlos Chiarelli, senador do PFL: "O ministro Bresser Pereira sempre demonstrou atenção pelos políticos, comparecendo ao plenário da Câmara ou do Senado para exposição de seus planos. Ele conseguiu alguns avanços no combate à inflação, embora comprometidos nos últimos meses de sua gestão. Na economia interna, o plano foi bem elaborado, mas houve distorções na sua aplicação".

Luiz Inácio Lula da Silva, deputado federal do PT: "A saída do ministro Bresser Pereira em nada resolverá a crise brasileira. O necessário seria a derrubada da Nova República. Este país tem de tudo, a única coisa que falta é vergonha na cara. A solução é a realização de eleições presidenciais já. Um bando de corruptos se apoderou do País e os trabalhadores são vítimas de um grande arrocho salarial".

Paulo Brossard, ministro da Justiça: "Sou a favor dos cortes nos gastos públicos e os recursos que o governo dispõe é preciso gastar bem. Já é um vício no Brasil esbanjar, porque o dinheiro público parece que não tem dono".

Guilherme Afif Domingos, deputado federal do PL: "A troca de ministros não é a certeza de que as coisas vão melhorar. O problema está localizado no comando do poder, não nos ministros. Precisamos de um governo que não fale e não faça tanta besteira. Acho que a crise se arrastará. E a definição só virá com um pacto entre governantes e povo, sem atravessadores como quer o PMDB parlamentarista. Na minha opinião, pessoas de peso não vão substituir um ministro de um governo que não tem prazo".

Michal Gartenkraut, secretário geral da Seplan: "Acho que foi uma pena".